

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



“CRER AO MEU JEITO”: APROXIMAÇÃO À SACRALIDADE, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE NO SER HUMANO

“Believe in my way”: Approach to sacrality, religiosity and spirituality in the human being

David Lima Diaz¹

Resumo

Uma abordagem às categorias de sacralidade, religiosidade e espiritualidade e sua compreensão da teologia nos permitirão observar a forma como o ser humano crente aproxima-se do sagrado, a maneira como vive o religioso e como ele experimenta o espiritual. A questão implica indagar como é possível o relacionamento dessas três categorias que fazem parte da dimensão mística da pessoa, como é necessário um equilíbrio para viver uma experiência transcendente que não é estranha à pluralidade e diversidade humanas e como eles questionam o conceito de “crer ao meu jeito”.

Palavras-chave: Sacralidade. Religiosidade. Espiritualidade.

Abstract

An approach to the categories of sacrality, religiosity and spirituality, and their understanding from theology will allow us to observe the way the believing human being approaches the sacred, how he lives the religious and how he experiences the spiritual. The question involves how the relationship of these three categories that are part of the mystical dimension of the person is possible, how a balance is needed to live a transcendent experience that is not strange to human plurality and diversity and how they question the concept of “believe in my own way”.

Keywords: Sacrality. Religiosity. Spirituality.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, 2014, Belo Horizonte/MG-Brasil. Mestre em Teologia pela Pontificia Universidad Javeriana, 2017. Pertence ao grupo de pesquisa em teologia e HIV A-kasa da Pontificia Universidade Javeriana.

Considerações Iniciais

Sacralidade, religiosidade e espiritualidade são percebidas na experiência mística que o ser humano sente na inevitável necessidade de transcender. Misticismo é um “dom que pode ocorrer de forma imprevisível e, de repente.”² Acontece pela graça, não pelo próprio desenvolvimento humano. Para Olegario González, “a mística em sua completa realização é [...] um fenômeno primeiro da experiência pessoal, logo de autoexplicação e, finalmente, de tradução aos outros.”³ A mística expressa uma dimensão da vida humana que qualifica o caminho a seguir, de viver, de se relacionar. Misticismo na pessoa responde a uma busca de transcendência, de sair de si mesmo para ir ao encontro com esse algo que lhe supera.

Cada pessoa executa uma série de consultas para atender às necessidades de caráter místico, seja na demanda por conhecimentos no desenvolvimento de uma arte ou na procura de um sentido de vida. Há uma busca de qualidades que despertam no ser humano um interesse na própria vida. “Por mística entendo sabedoria. Entendo a sabedoria que vai além das palavras e das letras, além do razoamento e do pensamento, além da imaginação e da fantasia, além dum antes e um depois até se adentrar na realidade intemporal.”⁴ A vida requer sabedoria para compreender e seguir as regras oferecidas pelos eventos diários. As necessidades humanas se adaptam continuamente à vida e suas possibilidades.

A sacralidade, a religiosidade e a espiritualidade expressam possibilidades que tem o ser humano para se relacionar com Deus. O fundamento da sacralidade, a religiosidade e a espiritualidade é a relação do ser humano com Deus, com a sua graça que motiva a cada pessoa sair de si para se encontrar com a divindade. Porém, mesmo que essas três categorias procuram o encontro com a transcendência, cada uma delas acontece numa configuração bem diferente, significam vivências distintas, apresentam expressões diversas e contém um jeito particular de se manifestar. Não obstante, elas três subsistem e fortalecem a dimensão mística do ser humano, inclusive quando a pessoa decide formular suas próprias crenças.

² JOHNSTON, William. *Mística para una nueva era: de la teología dogmática a la conversión del corazón*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2009, p. 17. (Tradução nossa)

³ GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. *Cristianismo y mística*. Madrid: Editorial Trotta, 2015, p. 16. (Tradução nossa)

⁴ JOHNSTON, 2009, p. 17. (Tradução Nossa)

A aproximação ao sagrado

Na experiência mística o ser humano estabelece na aproximação ao sagrado, uma relação que muda tanto o sujeito como o objeto. Situação que acontece quando o ser humano define o objeto sagrado e acontece que esse objeto sagrado adquire uma ontologia que transforma o objeto em sujeito sagrado. O sagrado deixa de ser um objeto simplesmente: se torna um ser que consegue transformar ao ser humano. A relação com o sagrado se torna numa relação de transcendência e é isso, precisamente, o que o ser humano procura na busca da experiência mística. A pesquisa neste sentido é bem diferente. O ser humano já não se confronta com um objeto que pode ser estudado nem medido num laboratório. Os dados que a pesquisa oferece têm caráter qualitativo.

María Paz Sandín recupera o conceito *paradigma* adotado por Kuhn na obra *The Structure of Scientific Revolutions* (A estrutura das revoluções científicas) sinalando como existe uma ampla gama de sentidos possíveis que ela agrupa em três aspectos, mas a nível geral podem ser compreendidas como “uma determinada maneira de conceber e interpretar a realidade.”⁵ O *paradigma* seria um modelo conceitual que estabelece uma perspectiva do mundo partilhado por um coletivo de pessoas, e que segundo cada projeto de pesquisa faz uso das estratégias empíricas que melhor se adequem a tal modelo, de maneira que sejam estabelecidas as normas pelas quais se desenvolvem os métodos e técnicas investigativas.

No paradigma de cada ciência se situam as relações entre o sujeito e o objeto. As categorias de sacralidade, religiosidade e espiritualidade configuram-se de modo diferente para as ciências sociais e a teologia. Por quê? Por causa do objeto de pesquisa de cada disciplina. Sandín acrescenta que o paradigma responde a três dimensões: “Ontológica. Qual é a natureza do conhecível? Ou qual é a natureza da realidade social? Epistemológica. Qual é a natureza da relação entre aquele que conhece e o conhecido? Como se conhece? Metodológica. Como deveria proceder o pesquisador para descobrir o conhecível?”⁶

As dimensões ontológica, epistemológica e metodológica nas ciências sociais e na teologia são totalmente diferentes. O ser humano e suas relações interpessoais são o objeto de estudo das ciências sociais; mas, na teologia poder-se-ia pensar em Deus como objeto de estudo desta disciplina. A dificuldade de estudar Deus leva o ser humano procurar os dados

⁵ SANDÍN, María Paz. *Investigación cualitativa en educación: fundamentos y tradiciones*. Madrid: McGraw-Hill España, 2003, p. 28. (Tradução nossa)

⁶ SANDÍN, 2003, p. 28. (Tradução nossa)

que consegue acessar. Assim, a teologia pega os dados hermenêuticos que na experiência de Deus o ser humano alcança coletar. Na epistemologia das ciências sociais são importantes os dados qualitativos que identificam o ser humano, a sociedade e suas relações. A epistemologia teológica considera os aportes oferecidos pelas ciências sociais e a filosofia; porém é indispensável o dado da fé.

O fenômeno religioso segundo o paradigma das ciências sociais

A experiência mística oferece um dado empírico pelo qual o ser humano percebe a existência do objeto sagrado. Na dificuldade dos povos para explicar os fenômenos da vida, cada cultura elabora sua própria simbologia: mitos e lendas que tentam dar resposta às perguntas de caráter ontológico e satisfazer o desejo de conhecer a suas origens, sua existência e seu sentido de vida. A simbologia como construção humana procura fazer finito as entidades que lhe desbordam totalmente e lhe permitem transcender. As ciências sociais observam as experiências místicas em relação ao fenômeno religioso que configura o modo de ser de cada comunidade⁷.

As ciências sociais estudam as questões do sagrado e do religioso no percurso da experiência social, mas, conseguem abordar a espiritualidade? O olhar dessas disciplinas resulta bem diferente do sentido que se apresenta para um crente. “Os procedimentos acolhidos no nome de sociologia como disciplina acadêmica estão em relação por um sentido sumamente abstrato: todos eles ocupam-se de algum modo do social.”⁸ Para as ciências sociais a importância do sagrado e do religioso estão no fenômeno do fato religioso. As ciências sociais procuram o sagrado e o religioso como situações que permitem o encontro do sujeito com o objeto sagrado, com um ser considerado superior por “esses seres humanos” no qual “eles” confiam por meio de um ato de fé. O dado da fé não tem importância para a experiência mística nas ciências sociais, só é recuperável o quesito de como o fenômeno religioso é constitutivo das relações sociais ao longo da história⁹.

As ciências sociais procuram observar como é que acontecem as relações humanas e como as práticas religiosas influem nessa condição da pessoa e da cultura. As manifestações culturais permitem abeirar-se aos comportamentos humanos e, assim, ter

⁷ VELASCO, Juan Martín. *El hombre y la religión*. Madrid: PPC, 2002.

⁸ ADORNO, Theodor Wisengrund. *Epistemología y ciencias sociales*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001, p. 19. (Tradução nossa)

⁹ WINDENGREN, Geo. *Fenomenología de la Religión*. Madrid: Cristiandad, 1976; ADORNO, 2001.

uma melhor compreensão das circunstâncias que permitiram o desenvolvimento histórico e cultural da humanidade¹⁰. O fato religioso oferece valor na pesquisa quando são reconhecidos os valores pluriculturais que participam da elaboração dos objetos sagrados e dos artefatos que permitem a expressão da fé; não obstante, o cientista social deseja obter o dado “puro”, limpo, longe de qualquer possibilidade de subjetividade. Daí que o pesquisador recue no momento que precisa viver a experiência da fé porque, noutros termos, sua vivência levar-lhe-ia “bagunçar” o dado da pesquisa e perder o rigor investigativo.

Sacralidade, religiosidade e espiritualidade no paradigma da teologia

O interesse das ciências sociais pela experiência mística acontece no plano do fenômeno religioso como uma possibilidade para conhecer o ser humano e suas relações. A abordagem da forma como o ser humano constrói símbolos, mitos e realidade, é feita pela observação do pesquisador. O ser humano é examinado como *objeto*, porém se apresenta o problema no qual o cientista social é também pessoa, e por tanto, é suscetível em sua natureza *subjetiva*. O pesquisador social procura ficar longe do objeto para obter um dado puro. Mas na teologia o paradigma é totalmente diferente da perspectiva das ciências sociais porque aqui o pesquisador é envolvido no assunto do estudo e, além disso, também espera ser transformado pelo objeto sagrado.

Libânio e Murad explicam que a teologia, ao invés de ser a ciência de Deus, matéria extremamente complicada como a incapacidade de medir, analisar e caracterizar a Deus como objeto é o estudo de como o ser humano entende a relação com Deus através da fé¹¹. Teologia “etimologicamente, significa um ‘discurso, um saber, uma palavra, uma ciência de ou sobre Deus’.”¹² A dificuldade surge quando se pretende aplicar os princípios do estudo do paradigma das ciências positivas à teologia, acontece que Deus ultrapassa infinitamente o ser humano e fica impossível para a gente colocar Deus num microscópio para lhe estudar.

Teologia é o estudo de como o ser humano, por meio da fé, interpreta seu relacionamento com Deus. “O ser humano quer compreender sua fé. Pela fé, ele lança ponte intermédia que o liga a Deus. Não quer fazer qualquer estudo de Deus. Mas intenta

¹⁰ VELASCO, 2002.

¹¹ LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

¹² LIBÂNIO; MURAD, 2005, p. 63.

aprofundar, justificar, esclarecer seu ato de fé nele.”¹³ Mas a fé não é simplesmente um ato de fé em Deus, a fé é a atitude que leva o crente ao encontro de Deus. “A fé em Jesus Cristo é menos a acreditar numa série de coisas que dependem do caminho que ele seguiu e que é ele mesmo.”¹⁴ A fé tem um caráter extra-histórico determinado pela confiança em Deus e um caráter intra-histórico determinado pelas condições de realidade dos seres humanos.

A teologia constrói seu paradigma na tensão ocorrida pelo rigor científico e o âmbito da realidade humana, de modo que a teologia procura dados comprováveis fornecidos pelas ciências humanas. “Para ter acesso à realidade mais objetiva em que deve governar o discurso da fé, devemos nos voltar para as ciências sociais e humanas [...] Essas ciências ajudam a decodificar a complexidade da realidade.”¹⁵ As ciências sociais se tornam instrumento de análise da realidade histórica para fazer a pesquisa teológica, eles abastecem dados interessantes na compreensão da natureza e nas relações humanas.

O dado da fé torna a sacralidade, a religiosidade e a espiritualidade numa nova aventura. Neste sentido, a experiência mística também tem um valor diferente. Benjamín González Buelta fala de misticismo como o “alimento permanente de toda a nossa existência dedicada ao serviço do Evangelho, o encontro com a eternidade e o definitivo, em meio do provisional e dos tempos.”¹⁶ A experiência mística acontece pelo encontro com Deus, descoberta que transforma a nossa existência. O crente participa de uma nova realidade que é diferente de qualquer síndrome de alienação, tudo o contrário, o sujeito que crê participa nesta relação em completa liberdade e a considera até tal ponto que a sente indispensável na sua vida, porque para o crente Deus não é um ser impositivo na sua relação com os seres humanos.

Sacralidade, religiosidade e espiritualidade são categorias apresentadas na pessoa que crê e que por ser crente é aberto à ação de Deus. Aqui vamos usar o vocábulo Deus como termo genérico para a divindade: o outro com um O maiúsculo, ou seja, o absoluto, o Mistério, que é aquele que tem nomes diversos: *Adonai*, para os judeus; *Allah* para os muçulmanos; *Vishnu* para os hindus; *Ahura Mazda* para o zoroastrismo; *Quetzalcoatl* para os astecas na América Central; ou *Viracocha*, para os Incas na América do Sul só por dar alguns

¹³ LIBÂNIO; MURAD, 2005, p. 67.

¹⁴ FOUREZ, Gérard. *La fe como confianza*: aliento para construir una historia nueva. Santander: Sal Terrae, 2002, p. 46. (Tradução nossa)

¹⁵ BOFF, Leonardo. *La fe en la periferia del mundo*. Madrid: Sal Terrae, 1985, p. 12. (Tradução nossa)

¹⁶ GONZÁLEZ BUELTA, Benjamín. *Tiempo de crear*: Polaridades evangélicas. Santander: Editorial Sal Terrae, 2009, p. 23. (Tradução nossa)

exemplos. Sacralidade, religiosidade e espiritualidade são categorias que se fundamentam numa crença, numa fé que marca uma relação pessoal e comunitária com Deus, com o totalmente sagrado, aquele que motiva um crescimento integral da pessoa em conexão com si mesma, com os outros e com o entorno¹⁷.

Sacralidade como a natureza e condição do sagrado

Vamos começar com algumas perguntas. O que significa sagrado? O que significa que algo seja sagrado? Por que uma pessoa iria designar algo sagrado? O que acontece para que um objeto, um evento, ou efeito seja sagrado? Para entender o sagrado, Mircea Eliade faz distinção entre o sagrado e o profano¹⁸. O sagrado está relacionado à hierofania (do grego hieros: sagrado; e phainomai: manifestação) manifestação do sagrado em termos de espaço, tempo, lugar e experiência de algo que é completamente diferente do "natural" ou profano. Neste sentido José Antonio Marina explica que ao espaço do sagrado pertence “o âmbito da divindade, do invisível, do sobrenatural.”¹⁹ Enquanto “o domínio do profano inclui a natureza, o visível, o factual, o secular.”²⁰

Eliade explica que no sagrado há uma ‘fundação do mundo’; há uma mudança da realidade, quebra do espaço para constituir um mundo novo²¹. A experiência mística fornece evidência de como os seres humanos transformam sua realidade na conexão com o sagrado. Para o sujeito que vive a experiência mística o espaço vital é heterogêneo. A fundação do mundo, a consagração, distingue um espaço que é em si conhecido, seguro e totalmente diferente do espaço profano que é estranho, desconhecido, selvagem, hostil. Por isso, para Eliade “o sagrado sempre se manifesta como uma realidade de uma forma completamente diferente das realidades ‘naturais’.”²² O sagrado faz referência a uma realidade doada pelo Mistério e que vem em cada pessoa de maneira particular e diferente. Então, para Eliade, a abordagem ao sagrado é uma dificuldade por causa da diversidade de ‘fatos sagrados’ ou sacralidades.

¹⁷ PANIKKAR, Raimon. *Obras completas*. Tomo I: mística y espiritualidad. Vol. 2: Espiritualidad, el camino de la vida. Barcelona: Herder Editorial, 2015.

¹⁸ ELIADE, Mircea. *Lo sagrado y lo profano*. Barcelona: Paidós, 1998.

¹⁹ MARINA TORRES, José Antonio. *Dictamen sobre Dios*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2001, p. 63. (Tradução nossa)

²⁰ MARINA TORRES, 2001, p. 63. (Tradução nossa)

²¹ ELIADE, 1998, p. 21-23.

²² ELIADE, 1998, p. 14. (Tradução nossa)

O ser humano tem diversas expressões culturais do sagrado e cada uma responde a um momento histórico²³. A experiência do sagrado pertence ao círculo elevado, místico, do divino, do transcendente, do mistério. Não entanto, para o sujeito que é alheio à experiência do sagrado, o espaço é homogêneo, porque, para ele, não há tal distinção. Tudo está dentro do mesmo padrão. Não assim o crente: o sagrado designa o âmbito do divino. Diferentes povos e culturas têm criado relações com a divindade manifestadas em credos religiosos que agrupam o conjunto de objetos com os quais o sujeito alcança o sagrado, por meio da experiência mística: locais, artefatos, rituais, oferendas, mitos, homens, animais, plantas, em fim, hierofanias pelas quais o divino se manifesta.

Religiosidade como a natureza e condição da religião

A religiosidade nos compromete a estabelecer, em primeiro lugar, o significado da religião, para que possamos, posteriormente, identificar as características apresentadas nesta categoria. Francisco Gracia explica que a palavra religião provem da palavra latina *religio*: religação para definir um vínculo do homem à vontade de Deus revelado. O ato de religar procura ligar mais uma vez o imanente com o transcendental; o finito com o infinito²⁴. O assunto, através da experiência mística, *re-liga* o sujeito com o sagrado. A crença religiosa é uma construção humana e cultural da experiência mística: o encontro do homem com Deus que acontece pela graça de Deus na expressão humana e social.

A religião permite o reencontro do homem com o divino. Para Raimon Panikkar a conexão acontece em vários níveis: consigo mesmo; com os outros; com a natureza, com o além, com o Mistério. “A religião é uma função de liberdade, enquanto liga, religando; e desliga, desatando os laços que bloqueiam.”²⁵ O ser humano, entanto ser finito e imanente, precisa se *re-ligar* com o totalmente infinito e transcendente, de modo que consiga sair de sua *mesmidade* para conseguir na alteridade seu sentido de realização. A religião abre o espaço para que possa acontecer essa nova união do homem com a divindade. Essa nova união é interessante porque o objeto cessa de ser objeto para adquirir uma ontologia que faz ser o Ser, o que é.

²³ ELIADE, Mircea. *Tratado de historia de las religiones I*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1974, p. 24.

²⁴ GRACÍA BAZÁN, Francisco. *La religión y lo sagrado*. Madrid: Editorial Trotta, 2012, p. 24.

²⁵ PANIKKAR, 2015, p. 16. (Tradução nossa)

Ao reconhecer a necessidade de abertura do ser humano ao transcendente a religião ocorre numa esfera pública. Assim é compreendida pela sociologia quando Durkheim citado por Gracia, caracteriza a religião “como um conjunto de crenças e práticas referidas a coisas sagradas, ou seja, separadas e proibidas, sistemáticas e entre si solidárias, que se apresentam combinadas numa única comunidade moral para todos os membros dessa agrupação que nela participam.”²⁶ A religião é compreendida dentro de um contexto social; encontra a sua existência no âmbito público e sua construção se apresenta através de hierofanias configuradas por cada povo e cultura.

Cada lugar sagrado, cada religião, cada manifestação faz parte da necessidade humana para se re-ligar com Deus, e assim se abeirar ao inexplicável. Na religião como uma construção social da relação do humano com o divino se torna num sistema no qual convergem sinais, símbolos, espaços, rituais, mitos, objetos que são comunitariamente aceitos e assimilados. O sistema é projetado e moldado delicadamente por cada sociedade e constantemente enriquecido com as contribuições interculturais das nossas coletividades vivas; pega os elementos que lhe servem para promover o encontro com Deus nas relações culturais.

A religiosidade explica como os seres humanos vivem a expressão religiosa que acontece no campo social e cultural²⁷. Para Sota García a “religiosidade se expressa em práticas, crenças e moral.”²⁸ Aspectos que têm influxo uns sob outros. Em conjunto determinam uma construção que procura estabelecer a relação com a divindade. As práticas referem-se a atos da expressão da fé: rituais, festas, devoções que são feitas, tomadas e transmitidas pelas sociedades. As crenças determinam os objetos de fé numa comunidade moral e explica os comportamentos que essa relação sagrada pode, ou não, admitir e que vão mudando com as diversas épocas.

A expressão do âmbito religioso, como construção do povo que espera, que procura identidade, que sente a necessidade de expressar sua fé, pega sua forma mais visível naquilo que na América Latina recebeu o nome de religiosidade popular²⁹. Essa maneira de praticar a fé apresenta um carácter histórico que surgiu no tecido multicultural originado pela

²⁶ DURKHEIM, 1960 *apud* GRACÍA BAZÁN, 2012, p. 24. (Tradução nossa)

²⁷ MALDONADO, Luis. Liturgia y religiosidad popular. *Selecciones de Teología*, vol. 39, no. 154, p. 153-160, 1998.

²⁸ SOTA GARCÍA, Eduardo Ernesto. *Religión ‘por la libre’: Un estudio sobre la religiosidad de los jóvenes*. México: Universidad Iberoamericana, 2010, p. 31.

²⁹ DE LA TORRE, Renée. La religiosidad popular como "entre-medio" entre la religión institucional y la espiritualidad individualizada. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, ano 3, no. 12, p. 506-521, 2012.

mistura de diversas raças e culturas: nativos, europeus e africanos. Cada raça oferece uma ampla variedade cultural, linguística e religiosa estendida num grão território: América.

Os habitantes, novos e antigos, livres e escravos com suas liberdades e repressões constituíram novas formas de manifestar a fé. Não obstante, a mistura cultural originou uma configuração cultural e religiosa que permitiu a vivência de uma nova experiência mística. A religiosidade popular tornou-se a saída às dificuldades de um povo incerto na repressão e na marginalização: o que somos se traduz em nossas crenças e nossa expressão do divino na vivência. O sincretismo é o resultado da religiosidade popular dinamizada pela diversidade sociocultural.

Espiritualidade como natureza e condição do Espírito

A espiritualidade fundamenta-se no ato de fé. Para Grün, “*Spiritualis* é uma tradução da palavra grega *pneumatikos* (‘segundo o Espírito’, ‘cheio do Espírito’).”³⁰ Panikkar afirma que “a espiritualidade é como uma ‘carta de navegação’ no mar da vida do homem: a soma dos princípios que dirigem seu dinamismo para ‘Deus’, dizem alguns; para uma sociedade mais justa ou para superação do sofrimento, dizem outros.”³¹ A espiritualidade conduz o ser humano, por meio da fé, como ato ativo que transforma a vida mesma. O Espírito concede força, ânimo, energia: “É criatividade; é ação; é hálito de vida; é muito mais.”³² O Espírito é o sopro que sonda as trevas nos mitos de criação e exerce a ação criadora de Deus dando vida, insuflando seu sopro. (Gn 1,1; 2,7)

A palavra espírito “significa ‘Vento’, ‘vento comum’ em realidade”³³ e provem do hebreu *ruah*³⁴ e do grego *pneuma*: sopro, ar, vento. Palavras que tentam definir uma realidade indefinível que não se vê, que não se sabe de onde vem, nem para onde vá; que não sabemos si está dentro ou fora de nós, ou dentro e fora ao mesmo tempo. A tentativa de definir o espírito é complexa porque, de algum jeito, sentimo-nos superados pela sua carícia. “Ao Espírito de Deus nós não conseguimos capta-o, nem conhece-o diretamente em

³⁰ GRÜN, Anselm. *Las fuentes de la espiritualidad*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2013, p. 9. (Tradução nossa)

³¹ PANIKKAR, 2015, p. 23. (Tradução nossa)

³² YOUNG, William Paul. *La cabaña*: donde la tragedia se encuentra con la eternidad. Bogotá: Editorial Diana, 2009, p. 120. (Tradução nossa)

³³ YOUNG, 2009, p. 120. (Tradução nossa)

³⁴ SANTOS, Ceferino. *El Espíritu Santo desde sus símbolos*: retiro con el espíritu. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2004.

si mesmo, desde o mistério divino de sua íntima essência.”³⁵ A dificuldade para o ser humano está na complexidade que resulta explicar algo tão sutil e imaterial como o Espírito de Deus.

Esse sopro que se sente movimentado à profunda vivência do amor por meio da fé. “O Instituto de Ordens Religiosas definiu espiritualidade como ‘integração do conjunto da vida numa forma de vida levada por e referida à fé’.”³⁶ A espiritualidade implica o respeito com Deus por meio do cuidado de si mesmo, os outros e o entorno. Grun indica que “um grupo de trabalho da Igreja Evangélica da Alemanha (EKD) descreveu em 1979 espiritualidade como ‘o comportamento ante Deus que se percebe no cristão sob o influxo do Espírito’.”³⁷ O encontro acontece na sola Escritura, na sola Graça e na sola Fé, fontes da espiritualidade cristã reformada.

A busca da espiritualidade no ser humano inicia na experiência mística que reconhece em Deus o ser absolutamente sagrado, na religião como o conjunto de práticas de fé que expressam o encontro do ser humano com Deus na vivência comunitária, e na espiritualidade como o encontro com Deus, na experiência mística que logra transformar à pessoa. “Podemos concluir que espiritualidade significa: ‘viver no Espírito’, ‘viver da fonte do Espírito Santo’.”³⁸ Tal modo de viver transforma a existência humana por atos vivenciais concretos e visíveis que aproximam o ser humano com o Espírito de Deus. “Nalguns casos considera-se a espiritualidade como o conjunto de relações que dão coerência à existência ou à busca de significado transcendente.”³⁹

A sacralidade a religiosidade e a espiritualidade no âmbito do sujeito que crê

O ato de fé transforma a relação com o objeto sagrado e esses objetos adquirem uma ontologia que transforma os objetos em presença do Ser transcendente. O objeto é sagrado porque é a manifestação do Sagrado, não é mais um simples objeto qualquer, é o Ser infinito que pega uma natureza finita. O objeto não é o Ser, não é Deus, mas pertence a sua propriedade: lembra da divindade e precisa ser respeitado como se fosse a divindade

³⁵ SANTOS, 2004, p. 15. (Tradução nossa)

³⁶ GRÜN, 2013, p. 10. (Tradução nossa)

³⁷ GRÜN, 2013, p. 10. (Tradução nossa)

³⁸ GRÜN, 2013, p. 10. (Tradução nossa)

³⁹ SÁNCHEZ, Ricardo; SIERRA, Fabio; ZÁRATE, Karol. ¿Son la religiosidad y la espiritualidad dimensiones? *Revista Colombiana de Cancerología*, vol. 18, no. 2, 2013, p. 63. <<http://www.scielo.org.co/pdf/rcc/v18n2/v18n2a03.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017. (Tradução nossa)

porque no ato de invocar a divindade o sujeito se apresenta diante da divindade, ajudado pelo objeto sagrado, que consegue transformar o sujeito.

O sujeito reconhece a necessidade da experiência mística na qual logra se aproximar de Deus por meio da fé. Os raciocínios não são suficientes para explicar os sentimentos que aproximam à pessoa de Deus. O crente precisa de Deus porque a experiência mística leva a se abrir, a sair da sua imanência para sair ao encontro dos outros no estado de transcendência que leva a reconhecer a finitude humana, mas também a graça de Deus. Igual acontece com a religião e a espiritualidade: o sujeito que acredita se aproxima à religião e à espiritualidade como modos de expressão da sua necessidade de Deus. A religião e a espiritualidade facilitam a possibilidade que o crente tem de segurar seu encontro com Deus, de se sentir amado, de sentir que a vida tem sentido, de se realizar no encontro com os outros.

No final, as categorias de sacralidade, religiosidade e espiritualidade explicam as características e qualidades da vivência da fé e sua relação com Deus. O Sagrado, o religioso e o espiritual permitem a relação do ser humano com Deus em diferentes dimensões nas quais o ser humano tem a possibilidade de estabelecer uma relação ontológica transformadora e transcendente. O assunto da variedade de elementos sagrados, expressões religiosas e vivências espirituais estão sujeitas a mesma realidade heterogênea da humanidade e a suas amplas possibilidades de desenvolvimento multicultural. O que importa aqui? Entender que o ser humano precisa de um credo, de uma maneira propícia de expressar a relação com Deus.

As religiões têm muito que ensinar na compreensão da relação do ser humano com Deus. O que resulta importante nessa ordem de ideias e a práxis do crente e como a relação com Deus motiva uma série de atitudes humanas que transformam à sua maneira de viver. O ser humano que acredita precisa de Deus; e por causa dessa necessidade, o ser humano procura como transcender, procura o encontro com Deus. Os símbolos, os gestos, os rituais e os demais artefatos religiosos oferecem a função de *re-ligar* a pessoa crente com Deus. A religiosidade e a espiritualidade são vivências pessoais e comunitárias que facilitam o propósito de viver a proximidade com Deus.

Uma religiosidade sem espiritualidade perde a essência da busca de Deus; termina se convertendo numa série de práticas culturais vazias, o ritual pelo ritual, a adoração pela adoração; é como um corpo sem ossos. Assim a espiritualidade que esquece da religiosidade

e do sentido comunitário vira espiritismo. O Espírito de Deus se apresenta ao crente em contextos comunitários. A alteridade permite à pessoa sair de si e transcender. Uma espiritualidade que se esquece do outro, que perde a religiosidade se torna em narcisismo que visa a busca de si mesmo. A religiosidade e a espiritualidade precisam-se mutuamente para que a sacralidade tenha sentido e levem, da mão da experiência mística, ao encontro com Deus.

O conceito de “crer ao meu jeito”

O conceito de “crer ao meu jeito” se apresenta como uma alternativa à vivência da sacralidade, da religiosidade e da espiritualidade. Segundo o sociólogo Cristián Parker, tem acontecido uma dessacralização de espaços da vida humana⁴⁰. Percebe-se a existência de uma série de fenômenos que têm suscitado mudanças da maneira de viver do ser humano: o consumismo, o individualismo e o pragmatismo oferecem uma série de resistências a valores éticos; o desenvolvimento de novas crenças, religiosidades e espiritualidade; mas também, situações de marginalidade estão mudando o modo de procurar a transcendência. “Crer ao meu jeito” representa a ideia de uma condição de possibilidade individual da pessoa para escolher em que crer e como fazê-lo. O que leva o ser humano, inclusive naqueles que se denominam crentes, tomar esse tipo de decisões?

O quesito de configurar um crer próprio é uma resposta às situações de exclusão que vivem muitas pessoas por causa da sua condição: homossexuais, doentes, mulheres, mães solteiras, adolescentes, negros, indígenas, empobrecidos, prostitutas, divorciados; enfim, uma grande coletânea de pessoas que sofrem por causa de sua situação. Circunstâncias que excluem, que oprimem, que geram “estratos de pessoas melhores que outras” e que segregam e afastam os fracos, marginalizados e pobres. A vivência do sagrado é vista como um estado de perfeição ao qual só pode aceder quem tem as possibilidades de viver uma vida “digna”, ou ideal. Mas, quem consegue viver tal grado de dignidade?

Nas pessoas que vivem situações de exclusão acontece que, geralmente, são rejeitadas pela sociedade. A vivência da religiosidade implica se inserir nos círculos sociais. Essa condição não é absolutamente exclusiva dos nossos tempos, na época de Jesus já

⁴⁰ PARKER G., Cristián. Pluralismo religioso y cambio de paradigma identitario en el campo político latinoamericano actual. In: AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. (Comp.). *Símbolos, rituales religiosos e identidades nacionales: los símbolos religiosos y los procesos de construcción política de identidades en Latinoamérica*. Buenos Aires: CLACSO, 2004, p. 39-69.

existiam muitas pessoas que eram rejeitadas pela sociedade: leprosos, doentes, publicanos, prostitutas, estrangeiros; pessoas que sofriam com as injustiças daqueles que ostentam o poder. A definição do sagrado explica a separação do natural daquilo que é reservado somente para Deus. Quando acontece tal separação muitas pessoas que são rejeitadas ficam fora. Sua condição é uma impossibilidade para pertencer ao templo. É difícil que elas possam se inserir na sociedade porque elas são “portadoras do pecado”, “impuras” e não merecem pertencer ao ciclo de Deus.

A experiência mística se apresenta nos seres humanos e é uma motivação na busca da transcendência. Acontece que, em muitos casos, as igrejas, as religiões, os coletivos e grupos estabelecem barreiras moralizantes para possibilitar a participação das pessoas. Comportam-se como se fossem clubes exclusivos, e cada participante é obrigado a cumprir requisitos para acessar nos rituais e benefícios religiosos. É o ser humano e a sociedade que gera situações de discriminação na participação dos atos religiosos. Atualmente o Papa Francisco tem recebido críticas ao falar da misericórdia e a graça plena de Deus para pessoas divorciadas, mães solteiras, homossexuais e doentes. Aceitar uma pessoa diferente, se torna um desafio para as estruturas religiosas.

Diante dessa impossibilidade, muitas das pessoas que sofrem situações de discriminação e rejeição preferem fazer uma construção própria de suas crenças. “Crer ao meu jeito” é uma resposta da pessoa que fica na impossibilidade de pertencer e atuar numa religião e que lhe aceite com suas particularidades. Essas pessoas aproveitam os recursos fornecidos pela cultura, a mídia, as práticas religiosas, as espiritualidades e os diferentes sincretismos para desenvolver uma fé que se adeque às suas necessidades de transcendência. São pessoas que armam o pacote: velas, jogos, rezas, orações, rituais, deidades, e um sem-número de artefatos sagrados que favorecem a experiência mística individual; mas que esquecem o sentido comunitário, tão vital na vida da humanidade.

Considerações Finais

Com estas colocações podemos concluir que a sacralidade, a religiosidade e a espiritualidade são categorias importantes na prática da experiência mística que facilita a relação do ser humano com Deus. A experiência mística é a graça de Deus que se apresenta à humanidade. Aceitada pela pessoa se possibilita o reconhecimento da presença de Deus e encaminha o ser humano à transformação da vida. Por causa das categorias de sacralidade,

religiosidade e espiritualidade o crente está chamado a sair de seu círculo de segurança e se perguntar pela maneira como pode trocar as realidades de injustiça.

A sacralidade, a religiosidade e a espiritualidade levam o crente se localizar frente a uma série de situações que afetam e destroem o projeto de Deus; que atentam contra a vida; que geram situações de morte e pecado; que rejeitam os valores humanos. Não obstante, em muitos casos, não acontece que os elementos da sacralidade, da religiosidade e da espiritualidade permitam ao ser humano se aproximar de Deus. Todo o contrário: o sagrado, o religioso e o espiritual constroem barreiras, geralmente de tipo moralizante, que dificultam o encontro da pessoa que sofre com Deus. A mesma sociedade marginaliza aqueles que vivem situações de marginalização.

A partir de uma profunda vivência de Deus o desafio para o crente é, então, como deve proceder para mudar essas realidades de morte e pecado em oportunidades onde possa se manifestar a graça de Deus. O crente amado por Deus deve sair ao encontro daquele que precisa ser amado por Deus. A experiência mística motiva ao ser humano sair da sua imanência; de seu círculo de conforto, para ir ao encontro do próximo, para se doar em total liberdade e amor pelos outros. Nesse ponto é onde a sacralidade, a religiosidade e espiritualidade têm seu sentido mais sublime: o encontro com Deus, um Deus sofredor nas necessidades dos marginalizados, um Deus esperançado na ação humana que reivindica a dignidade de cada pessoa.

Referências

ADORNO, Theodor Wisengrund. *Epistemología y ciencias sociales*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

BOFF, Leonardo. *La fe en la periferia del mundo*. Madrid: Sal Terrae, 1985.

DE LA TORRE, Renée. La religiosidad popular como "entre-medio" entre la religión institucional y la espiritualidad individualizada. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, ano 3, no. 12, p. 506-521, 2012.

ELIADE, Mircea. *Tratado de historia de las religiones I*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1974.

_____. *Lo sagrado y lo profano*. Barcelona: Paidós, 1998.

FOUREZ, Gérard. *La fe como confianza: aliento para construir una historia nueva*. Santander: Sal Terrae, 2002.

GONZÁLEZ BUELTA, Benjamín. *Tiempo de crear: Polaridades evangélicas*. Santander: Editorial Sal Terrae, 2009.

GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. *Cristianismo y mística*. Madrid: Editorial Trotta, 2015.

GRACÍA BAZÁN, Francisco. *La religión y lo sagrado*. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

GRÜN, Anselm. *Las fuentes de la espiritualidad*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2013.

JOHNSTON, William. *Mística para una nueva era: de la teología dogmática a la conversión del corazón*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2009.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MALDONADO, Luis. Liturgia y religiosidad popular. *Selecciones de Teología*, vol. 39, no. 154, p. 153-160, 1998.

MARINA TORRES, José Antonio. *Dictamen sobre Dios*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2001.

PANIKKAR, Raimon. *Obras completas*. Tomo I: mística y espiritualidad. Vol. 2: Espiritualidad, el camino de la vida. Barcelona: Herder Editorial, 2015.

PARKER G., Cristián. Pluralismo religioso y cambio de paradigma identitario en el campo político latinoamericano actual. In: AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. (Comp.). *Símbolos, rituales religiosos e identidades nacionales: los símbolos religiosos y los procesos de construcción política de identidades en Latinoamérica*. Buenos Aires: CLACSO, 2004.

SÁNCHEZ, Ricardo; SIERRA, Fabio; ZÁRATE, Karol. ¿Son la religiosidad y la espiritualidad dimensiones? *Revista Colombiana de Cancerología*, vol. 18, no. 2, 2013. <<http://www.scielo.org.co/pdf/rcc/v18n2/v18n2a03.pdf>>. Acceso em: 20 jun. 2017.

SANDÍN, María Paz. *Investigación cualitativa en educación: fundamentos y tradiciones*. Madrid: McGraw-Hill España, 2003.

SANTOS, Ceferino. *El Espíritu Santo desde sus símbolos: retiro con el espíritu*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2004.

SOTA GARCÍA, Eduardo Ernesto. *Religión 'por la libre': Un estudio sobre la religiosidad de los jóvenes*. México: Universidad Iberoamericana, 2010.

VELASCO, Juan Martín. *El hombre y la religión*. Madrid: PPC, 2002.

WINDENGREN, Geo. *Fenomenología de la Religión*. Madrid: Cristiandad, 1976.

YOUNG, William Paul. *La cabaña: donde la tragedia se encuentra con la eternidad*. Bogotá: Editorial Diana, 2009.